

## **A Relação entre Mito, Filosofia e Religião: uma revisão.**

### **Função do mito**

É primordialmente, acomodar e tranquilizar o homem em um mundo assustador. Nos primeiros modelos de construção do real são de natureza sobrenatural, isto é, o homem recorre aos deuses para apaziguar sua aflição. Logo, o mito se manifesta: - na preocupação com a origem divina da técnica; - na natureza divina dos instrumentos; - na origem da agricultura; - na origem dos males; - na fertilidade das mulheres; - no caráter mágico das danças e desenhos. No mundo primitivo tudo é sagrado e nada é natural.

### **O homem primitivo e a consciência de si**

Como todo o real é interpretado por meio do mito, e sendo a consciência mítica uma consciência comunitária, o homem primitivo desempenha papéis que o distanciam da percepção de si como sujeito propriamente dito. Não é ele que comanda sua ação, já que sua experiência não se separa da experiência da comunidade, mas se faz por meio dela. Isso não quer dizer que não haja nenhum princípio de individuação, mas que o equilíbrio individual é feito de maneira diferente, mediante a preponderância do coletivo sobre o individual.

### **Mito e religião**

No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto onde termina o mito e a religião começa. Em todo curso de sua história, a religião permanece indissoluvelmente ligada a elementos míticos e repassada deles. Podemos distinguir três fases na formação histórica dos conceitos de deuses: - A primeira fase é caracterizada pela multiplicidade de deuses momentâneos, assim chamados porque não perduram além do momento. São, simplesmente excitações instantâneas, fugidias, às quais é atribuído o valor de divindade, e cuja fonte é a emoção subjetiva, marcada ainda pelo medo. Esses deuses não representam nem forças da natureza, nem aspectos especiais da vida humana. - Na segunda fase, há a descoberta do sentimento da individualidade do divino, dos elementos pessoais do sagrado. O surgimento dessa nova etapa se dá à medida que a ação exercida pelo homem sobre o mundo se torna mais complexa, fazendo surgir a divisão do trabalho. Assim, toda atividade humana particular ganha o seu deus funcional, que vigia cada etapa do trabalho dos homens. A regulação da atividade encontra sua medida na própria periodicidade dos ciclos naturais (as estações do ano, o plantio, a colheita etc.). Ao mesmo tempo, o caráter existencial do mito conduz à prática de rituais mágicos, e a fé na magia constitui o despertar da confiança do homem em si mesmo. Ele não se sente mais à mercê das forças naturais e sobrenaturais e desempenha o seu papel, convicto de que o que acontece no mundo natural depende, em parte, dos atos humanos. - A terceira fase caracteriza-se pelo aparecimento do "deus" pessoa. Ele é fruto do processo histórico que inclui o desenvolvimento linguístico e aparece quando o nome do deus funcional, derivado do círculo de atividade especial que lhe deu origem, perde a ligação com essa atividade e torna-se um nome próprio, constituindo um novo ser que continua a se desenvolver segundo suas próprias leis. O deus pessoal caracteriza-se por ser capaz de sofrer e agir como os homens. Com o desenvolvimento da terceira fase, surgem as religiões monoteístas, decorrentes de forças morais e que se concentram no problema do bem e do mal.

### **Do mito à razão**

É no período arcaico que surgem os primeiros filósofos gregos, por volta de fins do século VII a.C. e durante o século VI a.C. Alguns autores costumam chamar de "milagre grego" a passagem do pensamento mítico para o pensamento crítico racional e filosófico. Atenuando a ênfase dada a essa "mutação", no entanto, alguns estudiosos mais recentes pretendem superar essa visão simplista e a-histórica, realçando o fato de que o surgimento da racionalidade crítica foi o resultado de um processo muito lento, preparado pelo passado mítico, cujas características não desaparecem como por encanto na nova abordagem filosófica do mundo. Ou seja, o surgimento da filosofia na Grécia não foi o resultado de um salto, um "milagre" realizado por um povo privilegiado, mas a culminação de um processo que se fez através dos tempos e tem sua dívida como passado mítico.

Algumas novidades surgidas no período arcaico ajudaram a transformar a visão que o homem mítico tinha do mundo e de si mesmo. São elas a invenção da escrita, o surgimento da moeda, a lei escrita, o nascimento da pólis (cidade-estado), todas elas tornando-se condição para o surgimento do filósofo.

Portanto, na passagem do mito à razão, há continuidade no uso comum de cenas estruturas de explicação. Não existe "uma imaculada concepção da razão", pois o aparecimento da filosofia é um fato histórico enraizado no passado. Embora existam esses aspectos de continuidade, a filosofia surge como algo muito diferente, pois resulta de uma ruptura quanto à atitude diante do saber recebido. Enquanto o mito é uma narrativa cujo conteúdo não se questiona, a filosofia problematiza e, portanto, convida à discussão. Enquanto no mito a inteligibilidade é dada, na filosofia ela é procurada. A filosofia rejeita o sobrenatural, a interferência de agentes divinos na explicação dos fenômenos.